

# MUTISMO SELETIVO: a escola e a relação com o outro<sup>1</sup>

Carlise Inês Groth Lezonier<sup>2</sup>

Daniela Pederiva Pensin<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo trata de um transtorno pouco conhecido, presente em crianças principalmente em idade escolar, comprometendo o seu desempenho nos contextos sociais e escolares: o mutismo seletivo. Nesse estudo, assume relevância o papel do professor de conhecer e aproximar-se do outro, indagando-se ao longo desse artigo se é possível a educação fazer justiça à singularidade dos alunos, discutindo o papel do professor nas estratégias de aceitação e inclusão do aluno com mudez seletiva com o intuito de estabelecer a comunicação em sala de aula. O interesse em compreender a relação do professor com o aluno mutista seletivo, fez com que se optasse pelo método de pesquisa qualitativa com técnica de análise de conteúdo. Para este estudo foram entrevistadas 4 professoras, do gênero feminino, com o critério previamente estabelecido de que fossem professoras de crianças com mutismo seletivo. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semi-estruturada, elaborada a partir dos interesses de investigação, bem como a partir da leitura do referencial teórico. Da análise dos relatos dos participantes surgiram os elementos chaves de discussão, divididos em três categorias: O ingresso escolar e a descoberta do mutismo seletivo; Como o professor trabalha com o mutista seletivo?; A afetividade como caminho para a comunicação.

**Palavras-Chave:** mutismo seletivo, linguagem, comunicação, escola, afetividade.

## 1. INTRODUÇÃO

... uma educação severa trata a criança como instrumento, pois tenta submetê-la pela força a valores que ela não aceitou; mas uma educação liberal, mesmo utilizando outros procedimentos, também não deixa de fazer uma escolha a priori de princípios e valores, em nome dos quais a criança será tratada. Tratar a criança por persuasão e candura não significa coagi-la menos. Assim, o respeito à liberdade do outro é uma palavra vã: ainda que pudéssemos projetar respeitar esta liberdade, cada atitude que tomássemos com relação ao outro seria uma violação desta liberdade que pretendíamos respeitar. A atitude extrema, que seria a total indiferença frente ao outro, tampouco é uma solução: estamos já lançados no mundo diante do outro; nosso surgimento é livre limitação de sua liberdade, e nada, sequer o suicídio, pode modificar esta situação originária; quaisquer que sejam nossos atos, com efeito, cumprimo-los em um mundo onde já há o outro e onde sou supérfluo com relação ao outro. (SARTRE, 1999, p. 508).

---

<sup>1</sup>Artigo de conclusão do curso de Especialização Direcionada: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares e garantia de direitos, promovido pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC).

<sup>2</sup>Pós-graduanda e bolsista do UNIEDU no curso de Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares e Garantia de Direitos (UNOESC). Psicóloga da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Tunápolis-SC.

<sup>3</sup>Orientadora, Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC).

Os transtornos mentais na infância são um problema frequente e que começam a receber cada vez mais a atenção de especialistas em saúde e educação. De acordo com Hermann (2014), está havendo uma emergência das questões da diversidade em virtude da multiplicidade dos estilos de vida, das orientações valorativas, das doenças mentais, entre outros aspectos. Não obstante, a educação sente esse movimento, que induz à “adoção de classificações tão nossas conhecidas como, [...] a identificação do aluno que não se enquadra no padrão desejado como o desadaptado ou o hiperativo” (HERMANN, 2014, p.13).

Não é só o professor, mas a comunidade escolar que espera e define padrões de comportamentos, características e normas de ação para os alunos. Frequentemente sofre preconceitos quem não aprende no mesmo ritmo, não demonstra certas habilidades específicas ou apresenta dificuldades na linguagem oral. Esse é o caso do universal (ideal) que exclui a diferença. Em virtude disso, muitas ações violentas são geradas vinculadas ao não reconhecimento daquilo que é diferente do eu (HERMANN, 2014).

Com certa frequência, o início da escolarização traz a intensificação ou manifestação de diversos sintomas de transtornos mentais, levando a família e os educadores a buscarem formas de entender o transtorno e de lidar com a criança.

Tome-se como exemplo a ansiedade, estado de humor cuja manifestação tem se intensificado nas últimas décadas. No que se refere à ansiedade infantil<sup>4</sup>, Lhullier e Serra (2018) afirmam que estudos do ano de 2010, já apontavam que os transtornos de ansiedade em crianças eram tão comuns que já constituíam o maior grupo de problemas de saúde mental nessa idade<sup>5</sup>.

Os transtornos de ansiedade são classificados, na literatura médica e psicológica (DUMAS, 2011; CAMINHA, 2011; TISSER, 2018; DSM-V<sup>6</sup>; CID-10) como um estado de humor negativo, caracterizado por sintomas corporais de tensão física e de apreensão em relação ao outro e ao futuro. Entre os tipos mais comuns estão: transtorno de ansiedade de separação, fobia específica, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno do pânico e mutismo seletivo. Sendo este último o foco de estudo desse artigo uma vez que,

---

<sup>4</sup> Estudos apontam, dentre as causas da Ansiedade Infantil, fatores biológicos, ambientais, estilos parentais de superproteção e ambientes que não proporcionam sentimento de segurança necessário ao desenvolvimento natural de uma criança ou adolescente (LHULLIER; SERRA, 2018).

<sup>5</sup> No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até **12 anos de idade** incompletos. Para Papalia e Feldman (2013), a infância se estende do nascimento até os 11 anos de idade.

<sup>6</sup> APA. American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). Porto Alegre: Artmed. 2014.

como psicóloga educacional, tive contato com várias crianças que possuem esse transtorno. O mutismo seletivo é pouco conhecido no meio escolar e muitas vezes confundido com timidez ou teimosia da criança, uma vez que existem poucos estudos sobre o tema, principalmente no que se refere ao relacionamento do/com o professor. Isso contribui para justificar o propósito de investigar como o mutismo seletivo se apresenta na escola e sobre como o professor estabelece vínculo a fim de possibilitar o diálogo com o aluno mutista seletivo. Convém ressaltar que o mutismo seletivo se manifesta na escola por uma incapacidade ou recusa da criança em falar com os professores ou colegas (APA, 2014).

Considerando-se o contexto contemporâneo, muito embora reconheçam-se as implicações de outros ambientes sociais e relacionais na constituição da criança, a escola apresenta-se como espaço privilegiado de interação social e, portanto, de socialização<sup>7</sup>; trata-se de um espaço de intervenções pedagógicas (e por isso mesmo intencionalmente projetadas e conduzidas) sobre a vida do outro.

É importante perceber que, para Durkheim (1998), a sociedade precede os indivíduos, ou seja, quando cada pessoa nasce, ela já nasce em uma sociedade constituída, que possui suas regras, leis e funcionamento próprio. Por isso, em sua visão, a educação é um meio pelo qual a sociedade prepara, no interior das crianças, as condições essenciais de sua própria existência. Assim, a educação, e a escola por conseguinte, seriam essenciais para que as crianças fossem interiorizando estados físicos e morais que são requeridos pelo espaço político em seu conjunto.

A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios - sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento - que balizam a conduta do indivíduo num grupo. O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela (DURKHEIM, 1998, p.8).

Ou seja, a educação teria papel preponderante na formação da criança que se integrará a uma sociedade e tomará parte em um espaço público, razão pela qual não deve focar apenas no desenvolvimento individual da criança. Diferentemente da família, que cuida de ensinamentos de caráter mais privado, a escola seria a instituição responsável pela construção de indivíduos eticamente comprometidos com o ideal público. A educação seria, neste sentido, uma socialização metódica das novas gerações:

---

<sup>7</sup> A socialização é um processo de transmissão cultural e efetua-se através de certo número de mecanismos, dos quais podemos destacar a **aprendizagem**, a **imitação** e a **identificação**. Os agentes da socialização: são a família; a escola e os grupos sociais (BERGER e BERGER, 2012).

[...] a sociedade se encontra, a cada nova geração, como que diante de uma tábua rasa, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela agregue ao ser egoísta e associal, que acaba de nascer, uma natureza capaz de vida moral e social. Eis aí a obra da educação. Ela cria no homem um ser novo (DURKHEIM, 1978, p. 42).

Realça-se, com o devido cuidado e prudência, a escola enquanto ambiente de desenvolvimento da criança, do que advém a inferência de que seja este ambiente propiciador de sentimento de segurança, de construção da confiança necessária ao processo educativo que implica a condução da conduta do outro (BIESTA, 2013).

Assim, a condução do processo pelo professor deve ser de responsabilidade para com o aluno. “O que importa não é o conteúdo do que dizemos, mas o que é feito. E o que é feito e precisa ser feito, e o que só eu posso fazer, é responder ao estranho, ser responsivo e responsável em relação ao que o estranho exige de mim” (BIESTA, 2013, p. 56).

Sustentado em pesquisa bibliográfica e entrevista com professores da rede municipal de ensino de Tunápolis, que atuam com crianças diagnosticadas com mutismo seletivo, este artigo está organizado a partir da exploração do transtorno do mutismo seletivo e, conseqüentemente, do aluno mutista seletivo, buscando o alargamento da compreensão sobre ambos. Em um segundo momento, apresenta-se uma aproximação conceitual acerca da pluralidade e diversidade no âmbito escolar, a fim de verificar como se apresenta o mutismo seletivo na escola e como se constitui a relação do professor com esses alunos.

## **2. O MUTISMO SELETIVO**

A linguagem, verbal e não verbal, é a forma de expressão utilizada como via comunicativa entre os seres humanos. Presentes desde o primeiro ano de vida, as competências comunicativas são desenvolvidas e ampliadas em função das interações sociais e do desenvolvimento cognitivo do indivíduo (PIRES et.al, 2017).

Nesse estudo, optou-se por pesquisar o transtorno do mutismo seletivo, transtorno no qual existe um comprometimento da linguagem verbal/fala em determinados locais e situações sociais.

O mutismo é tratado por Cabral e Nick (2006, p.214) no dicionário técnico de psicologia como, “um estado de silêncio verbal e mudez por causas psíquicas”.

O mutismo seletivo no DSM-V (APA, 2013<sup>8</sup>), é classificado como um transtorno de ansiedade. E consistiria num fracasso persistente da criança em falar em situações sociais específicas nas quais existe a expectativa para tal, como, por exemplo, na escola, apesar de falar normalmente em outras situações.

Mutismo seletivo (MS) é um distúrbio psiquiátrico relativamente raro da infância, caracterizado pela incapacidade consistente de falar em situações sociais específicas, apesar da capacidade de falar normalmente com outras pessoas. O MS geralmente envolve graves prejuízos no funcionamento social e acadêmico. Complicações comuns incluem fracasso escolar, dificuldades sociais no grupo de pares e relações intra-familiares agravadas. (HENKIN; BAR-HAIM, 2015, p.86)<sup>9</sup>.

Campos e Arruda (2014), em seu estudo sobre mutismo seletivo e comunicação não-verbal, mencionam que a primeira descrição do mutismo seletivo (MS) ocorreu em 1877, pelo médico Adolf Kussmaul, que a denominou *afasia voluntária* e ressaltava em sua caracterização o fato de que a criança, voluntariamente, não falava em determinadas situações. Em 1934, por sua vez, o psiquiatra suíço Moritz Tramer cunhou o termo *mutismo eletivo*, considerando que a criança elegia o momento de ficar quieta.

Este transtorno apresenta muitas características específicas, tendo seu início descrito como habitualmente antes dos cinco anos de idade, afetando crianças entre 3 e 8 anos. Porém, a perturbação pode não receber atenção clínica até a entrada na escola, quando existe aumento na interação social e na realização de tarefas, como a leitura em voz alta. Segundo Lhullier; Serra (2018) e Campos; Arruda (2014) um dos motivos da dificuldade de se fazer um diagnóstico preciso do início do mutismo seletivo, é o fato de não existir uma só causa, mas sim uma variada gama de fatores individuais e ambientais ao longo da vida da criança, podendo ser entendido como o resultado de conflitos psíquicos não resolvidos, em decorrência dos quais a criança atribui um significado inconsciente para o ato de falar.

Como mostram Peixoto e Campos (2013), bem como, Lhullier e Serra (2018), no transtorno do mutismo seletivo observa-se uma incapacidade da criança para falar com algumas pessoas e em determinados locais, como festas, na rua, em consultas médicas e

---

<sup>8</sup> American Psychiatric Association – APA. (2013). **DSM-V, Diagnostic and statistical manual of mental disorders, fifth edition**. Arlington: American Psychiatric Association.

<sup>9</sup> Tradução livre do inglês: Selective mutism (SM) is a relatively rare psychiatric disorder of childhood characterized by consistent inability to speak in specific social situations despite the ability to speak normally in others. SM typically involves severe impairments in social and academic functioning. Common complications include school failure, social difficulties in the peer group, and aggravated intra-familial relationships (HENKIN; BAR-HAIM, 2015, p.86).

principalmente na escola, sendo este o local em que se espera que a criança se desenvolva e se expresse oralmente de forma intencional e sistemática. Da mesma forma que as causas do mutismo seletivo se apresentam como multifatoriais, seu desenvolvimento também não possui um padrão, podendo ocorrer de: (1) forma progressiva, em que inicia com uma timidez excessiva, ou (2) de forma abrupta. Em ambos os casos, as crianças limitam a sua comunicação verbal e falam somente com pessoas próximas a ela (pai e mãe), normalmente em suas casas (LHULLIER; SERRA. 2018). A criança com mutismo seletivo falará na sua casa, na presença de membros da família imediata, mas com frequência não o fará nem mesmo diante de amigos próximos ou parentes de segundo grau como avós, tios e primos (APA, 2014).

Durante o desenvolvimento do transtorno do mutismo seletivo, a comunicação com o mutista seletivo, também pode apresentar alterações, passando por fases que, embora não se apresentem de modo *standartizado* nem linear, costumam-se caracterizar inicialmente pelo fato de a criança não responder nem verbalmente nem por gestos; em um segundo momento, passa a usar gestos de afirmação e negação para responder a perguntas diretas feitas para ela; na sequência é comum passar a responder verbalmente quando solicitada e, por fim, passa a comunicar-se verbalmente com as pessoas. Cabe destacar que nem todas as crianças passam por essas fases, nem há garantia de que uma vez que a criança fale normalmente ela não volte a apresentar mutismo seletivo.

É bastante comum que durante situações novas a criança utilize modos de comunicação alternativos, como cochichar no ouvido de alguém, movimentar ou sacudir a cabeça para afirmar ou negar. Também podem fazer grunhidos, apontar para aquilo que desejam, escrever caso conheçam a linguagem escrita, sussurrar e ainda comunicar-se por gestos e mímicas. A criança também pode usar palavras monossílabas que não acompanham um contato visual com o interlocutor. Em geral, o olhar dirige-se para o chão (LHULLIER; SERRA. 2018, p. 152).

Dessa forma, o mutismo seletivo embora pouco estudado e ainda muito confundido com outros transtornos, tem apresentado uma incidência cada vez maior nas escolas, se apresentando e sendo diagnosticado na maior parte das vezes com o ingresso da criança na escola e se caracterizando pelo medo de falar em determinados espaços e situações sociais.

### 3.MÉTODO

O interesse em compreender a relação do professor com o aluno mutista seletivo, fez com que se optasse pelo método de pesquisa qualitativa, cujo instrumento de coleta de dados compreende entrevistas semiestruturadas cujos dados, organizados em categorias, foram submetidos à técnica de análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2011), o termo análise de conteúdo designa: “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 47).

Tal opção se deve pelo fato do autor ser o mais citado no Brasil em pesquisas que adotam a análise de conteúdo como técnica de análise de dados. Bardin (2011) indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação.

Para este estudo foram entrevistadas 4 professoras, do gênero feminino, formadas em pedagogia e pós-graduadas, das quais três são efetivas da rede municipal de ensino de Tunápolis<sup>10</sup> (SC) atuando na Educação Infantil e uma tem contrato temporário atuando no Ensino Fundamental. Os anos de atuação no magistério das entrevistadas variam de oito a vinte oito anos de atuação. Atualmente, a rede de ensino Municipal de Tunápolis conta com 500 crianças matriculadas e um quadro de mais de 50 professores. Os entrevistados foram selecionados pelo critério de atuarem como professores de turma de alunos onde se manifeste a presença de crianças diagnosticadas com o transtorno do mutismo seletivo. As crianças que apresentam mutismo seletivo, neste contexto, têm idades de 3, 4, 5, e 7 anos, sendo todas do gênero feminino.

As entrevistas foram analisadas e divididas em três categorias para discussão: 1. O ingresso escolar e a descoberta do mutismo seletivo; 2. Como o professor trabalha com o mutista seletivo?; 3. A afetividade como caminho para a comunicação.

---

<sup>10</sup> Município emancipado em 26/04/1989, situado na região extremo-oeste de Santa Catarina. Tunápolis foi colonizada por famílias de imigrantes alemães católicos. O principal movimento econômico do município é proveniente da agricultura e pecuária. O município conta segundo dados do último censo do IBGE com 4.633 habitantes. No que se refere ao campo educacional, Tunápolis possui seis escolas, estando três situadas na região rural e três no centro da cidade.

## 4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 O INGRESSO ESCOLAR E A DESCOBERTA DO MUTISMO SELETIVO

É comum, nos primeiros dias de aula, as crianças apresentarem certa timidez, retraimento social por estarem em um ambiente novo, longe das pessoas do círculo familiar, fato que tende a desaparecer aos poucos com o contato e convivência com o professor, os colegas e a equipe da escola. De modo geral, no período de adaptação à escola, a comunicação verbal é muito importante para o processo de socialização das crianças com seus colegas e professores.

Dessa forma, as quatro entrevistadas apontam que o silêncio da criança na fase inicial, era percebido por elas (as professoras) como timidez do período de adaptação. No entanto, o passar das semanas e a continuidade da ausência da fala e das interações sociais fez com que passassem a observar mais atentamente essas crianças. Pois, segundo Dias (2018), existe uma grande diferença entre timidez e um quadro de mutismo seletivo. A pessoa tímida apesar de sua dificuldade, consegue realizar suas atividades. “Já o mutista seletivo, possui um grau de ansiedade que o trava, paralisa e impede de agir” (DIAS, 2018, p. 52).

Nos primeiros momentos, meses de contato, me chamava atenção o comportamento dela. Se a gente ia ao parque, ela entrava no parque, ela se posicionava de uma determinada forma e lá ela permanecia, da mesma forma, até o momento de voltar para a sala de aula. Se na sala a gente pegava algum brinquedo, propunha uma brincadeira, ela se posicionava e daquela posição ela não se movia. Então me preocupava bastante (Professora 2).

No relato das professoras, aparece o questionamento de como as crianças conseguem permanecer todo o período da aula em silêncio, sem falar com os professores ou os colegas. Pois falar e balbuciar são características natas das crianças em seu desenvolvimento considerado normal, pois as mesmas adoram interagir, cantar, conversar e espera-se que assim o façam.

Frente à percepção do professor de que havia algo de diferente com a criança, e o contato com a família que afirma que em casa a criança se comunica normalmente, a escola procede ao encaminhamento da criança para avaliação, sendo a partir disso, obtido o diagnóstico de mutismo seletivo.



As famílias falam que a criança em casa conta tudo que viveu na escola, reconta. Que é outra criança em casa, e que isso só acontece na escola (Professora 3).

Eu recebi vídeos que a família gravou, porque eles não acreditam que na escola ela não falava. E nesses vídeos eu pude perceber e constatar que ela tem uma fala clara, perfeita, todos os fonemas, todos os conhecimentos básicos para a idade, cores, números, relatos de situações do dia a dia. Ela é uma criança perfeitamente desenvolvida, mas que na escola ainda não consegue desenvolver a fala (Professora 2).

De acordo com o DSM-V (APA, 2014):

ao se encontrarem com outros indivíduos em interações sociais, as crianças com mutismo seletivo não iniciam a conversa ou respondem reciprocamente quando os outros falam com elas. O fracasso na fala ocorre em interações sociais com crianças ou adultos. As crianças com mutismo seletivo falarão na sua casa na presença de membros da família imediata, mas com frequência não o farão nem mesmo diante de amigos próximos ou parentes de segundo grau, como avós ou primos. A perturbação é com frequência marcada por intensa ansiedade social. As crianças com mutismo seletivo comumente se recusam a falar na escola, o que leva a prejuízos acadêmicos ou educacionais, uma vez que os professores têm dificuldade para avaliar habilidades como a leitura. O fracasso na fala pode interferir na comunicação social, embora as crianças com esse transtorno ocasionalmente usem meios não verbais para se comunicar.

O Manual Diagnóstico dos Transtornos Mentais (APA, 2014), aponta como característica principal do mutismo seletivo, o fracasso na fala nas interações sociais. Mas esse fracasso da fala pode ser em graus diferentes de intensidade. É importante o que nos traz, nesta direção, Dias (2018), autora do livro *Gritos do silêncio*, ou seja, que o fato da criança falar apenas com seus pais, não significa que não falará normalmente em lugares onde se sente amparada e confortável. Na fala da professora 1, verifica-se o progresso de uma criança com mutismo seletivo: “Primeiro a questão dela não interagir com nada, depois ela passou a interagir com o brinquedo e em seguida ela conseguiu se socializar na turma e interagir com os colegas”.

Segundo Perednik (2016), existem vários níveis de apresentação do mutismo seletivo, sendo o primeiro de total não-comunicação: a criança não fala em determinados lugares e raramente usa comunicação não-verbal, como acenar com a cabeça. Ela pode quase não ter nenhuma expressão facial e ficar com o corpo ‘congelado’ não se movendo espontaneamente. O segundo nível é o de comunicação não-verbal: a criança comunica-se de forma não verbal nos locais em que se encontra. Usa gestos para assentir sim e não e para apontar. Pode comunicar-se via celular ou computador e sussurrar para um porta-voz escolhido. No terceiro nível, a criança sussurra e emite sons. A criança não consegue emitir palavras em um tom de volume apropriado, mas sussurra. Por fim, no quarto nível aparece a comunicação verbal: a criança diz as palavras em volume audível. As verbalizações iniciais podem ser de pequenas

palavras, de sim e não, ou selecionando algumas pessoas para aos poucos generalizar para as demais.

#### 4.2 COMO O PROFESSOR TRABALHA COM O MUTISTA SELETIVO?

O desafio que o professor assume ao aceitar o mutista seletivo da forma que ele se apresenta, exige que ele compreenda que o mutismo seletivo, é um transtorno caracterizado pela seleção de ambientes para produção da fala o que faz com que precise de estratégias diferentes para trabalhar com essa criança. Uma das professoras relata essa seleção de ambientes para produção da fala, citando o dia que visitou a casa da aluna.

Foi muito diferente do contexto que eu tenho com ela em sala de aula. Na casa dela, após nos afastarmos dos pais, ela disparou a falar [...] ela se abriu muito mais, ela conversou sem sussurrar, ela conversou como uma criança normal. Só que quando voltamos à realidade da sala de aula, tudo se voltou ao que eu sempre vi, de não falar ou apenas sussurrar no meu ouvido (Professora 4).

Evidencia-se que nos espaços em que não existe sensação de segurança haverá uma retração linguística. Portanto, os espaços escolares precisam propor situações nas quais os professores e colegas de turma permitam o estabelecimento de vínculos afetivos, o que facilitará a comunicação (PIRES et.al, 2017).

Quando se fala em vínculo, a própria palavra sugere um outro elemento. Vincular-se a algo, com outro ser humano. É importante destacar o fato de que o não reconhecimento do outro como pessoa e a negação da diferença são uma das principais causas da violência da atualidade (MAGALHÃES E SOUZA, 2011). Em termos da criança, especialmente aquelas de pouca idade, a escola constitui-se em espaço social que apresenta muitas referências à criança. Iniciada sua socialização primária na família, com o ingresso da criança na escola esta passa a ser um importante espaço de socialização, onde os contatos e experiências sociais se ampliam e intensificam. Do mesmo modo que na família o estabelecimento de vínculos é determinante para a saúde psíquica da criança, também na escola uma construção de vínculos saudáveis, pautados pelo respeito e confiança, é determinante para o desenvolvimento da criança, incluindo-se a aprendizagem propriamente escolar. A preocupação das professoras costuma ser elemento presente nos casos em que a criança demonstra alguma dificuldade de vínculo ou sistema de bloqueio e afastamento nas relações.

Eu me aproximo dela, cedo colo para ela [...]e eu vou conversando com ela, mas ela não responde, mas eu sinto que ela se sente confortável com a conversa, que ela se sente acolhida. Ela brinca com as pecinhas, ela chega a pegar pecinhas e direcionar para mim, para que eu faça a verbalização da situação. Então dessa forma. Sempre muito carinhosa, atenciosa, fazendo ela se sentir acolhida e segura (Professora 2).

Percebe-se, pela fala da professora, que para que o vínculo possa ser criado é preciso que, na convivência professor-aluno, o foco inicial seja de compreensão do significado do silêncio da criança, ao invés do estímulo a falar. Pois é preciso encontrar um mútuo entendimento. Embora a relação com o outro suscite perguntas, é preciso entender que o silêncio do mutista seletivo é “uma maneira de manter a integridade egóica e, portanto, não se deve ter como objetivo que a criança fale, pois isso poderia reduzir suas defesas egóicas e colocar em risco sua estrutura” (CAMPOS; ARRUDA, 2014). Assim, o que deve ser feito pelo professor, é a criação de um vínculo seguro para ajudar a diminuir a ansiedade (CAMPOS; ARRUDA, 2014). O professor precisa ouvir o que não foi dito.

De acordo com Ribeiro (2013, p. 45):

É imperativo que a escola perceba que as crianças com MS não estão a ser desafiadoras ou teimosas ao “não falar”, mas que elas verdadeiramente não conseguem falar. O professor(es) ou educador deve perceber que é essencial que a criança com MS interiorize que não é obrigatório falar. Para além disso, a comunicação não verbal é aceita no início e deve ser encorajada. Os professores devem, também, estar envolvidos no plano de intervenção/tratamento. À medida que houver progressos o professor deverá encorajar a verbalização de forma sutil e não ameaçadora.

Além da importância do vínculo com o professor, é preciso considerar que a criança com mutismo seletivo tende a ficar isolada dos demais colegas de escola, gerando déficits nas habilidades sociais (LHULLIER; SERRA, 2018). Essas crianças também podem sofrer *bullying* por parte dos colegas devido ao seu comportamento de mutismo.

No que se refere à maneira com que os colegas de aula lidam com o colega mutista seletivo, as professoras apontam que as crianças da turma costumam usar a expressão: *professora, ela não fala!*, alertando ao professor que não adianta direcionar uma pergunta para essa criança, e fazendo com que o professor precise trabalhar a questão do mutismo seletivo com a turma e a criança.

Nos três anos, era justamente a turma que me alertava. [...]A turma antes de eu me direcionar a criança, já diziam que ela não fala. Então, sempre tive que ter uma posição calma, explicar que ela tem o tempo dela, que vai falar. Sempre trabalhei primeiro com a turma, para depois conduzir a questão com a criança. Não digo que seja um *bullying*, mas os colegas já identificam a criança e acabam piorando a

situação, digamos assim, porque falam por ela, antes mesmo dela pensar em falar ou interagir (Professora 1).

Essa abordagem dos colegas de se manifestarem pela criança, acaba aumentando a ansiedade da criança, pois criou-se uma expectativa de que ela não pode/sabe falar.

Isso termina contribuindo para a consolidação e manutenção do comportamento-problema (mutismo) ao reduzir o contato da criança com seus pares, evitando assim uma espécie de exposição natural à situação temida e a possível redução do sintoma de mutismo de forma natural. (LHULLIER; SERRA, 2018, p. 156)

Diante disso, cabe ao professor trabalhar a autoestima da criança. Pois o mutista seletivo, em virtude da ansiedade de conviver com pessoas não próximas, sente muita vergonha. A vergonha é considerada uma emoção altamente dolorosa, por implicar uma avaliação negativa global do *self*. Crianças com mutismo pensam que todos a estão avaliando de uma forma pessimista e ruim e todos vão olhá-la quando ela falar alguma coisa (PEIXOTO; CAMPOS, 2014). Assim, o professor precisa encontrar maneiras de não permitir que a postura dos colegas reforce o comportamento de mudez, o que acabaria dificultando ainda mais a interação social dessa criança com as demais e, muitas vezes, repercutindo num prejuízo acadêmico pelo fato da criança não verbalizar suas dúvidas e conhecimentos com o professor.

Eles já me falaram que ela não fala. [...] Então assim, eu sempre conversei com eles, que ela tem que ter o tempo dela [...] eu tentava dizer, não é que ela não fala, ela tem um pouco de vergonha, mas ela vai falar com o passar do tempo, [...]meio que dá uma contornada na situação para também não deixá-la numa situação embaraçosa (Professora 4).

Dessa forma, pode-se compreender que as crianças com mutismo seletivo, embora possuam uma capacidade de linguagem preservada, têm limitação em estabelecer interações com outras crianças e adultos em função da ansiedade que bloqueia a capacidade de se comunicar verbalmente. Assim, incluir a criança com mutismo seletivo em sala de aula e aceitá-la da forma que se apresenta, tem gerado desconforto na maioria dos profissionais que trabalham com a criança (PIRES et.al, 2017).

A primeira não chegou a falar comigo em sala durante o ano que fui professora dela. Acho que em partes por eu ter essa indignação dela não falar comigo e não ter tentado me aproximar tanto dela como dessa que eu tenho hoje (Professora 1).

Na fala da professora, é possível perceber a reação de estranheza com o comportamento da criança, o que é compreensível pelo fato de ser um transtorno ainda pouco

conhecido, e por muitas vezes ser visto como uma escolha/opção da criança, diferentemente de outros transtornos e deficiências.

Mas essa sensação de estranheza é desfeita pela percepção que os professores têm de que a criança deseja muito falar, mas que não consegue por algum bloqueio, o que gera tristeza na criança. É o que podemos ver quando uma das professoras nos traz sua interpretação sobre a situação: “Eu acho que ela sofre muito [...] Porque ela vinha às vezes e tu via que ela queria falar, mas tinha uma coisa assim que bloqueava ela. Eu sentia assim, que ela sofria muito” (Professora 3). Vê-se um sentimento de empatia no professor, que se imagina no lugar da criança e, por isso, busca diversas estratégias para auxiliar a criança a se comunicar.

#### 4.3 A AFETIVIDADE COMO CAMINHO PARA A COMUNICAÇÃO.

De acordo com as professoras, um caminho encontrado como forma de estabelecer uma relação com o aluno mutista seletivo a fim de viabilizar a comunicação e o surgimento da fala é via afetividade.

A afetividade faz com que a criança se sinta mais à vontade. Então no coletivo a criança não fala, mas no brincar, no interagir no jogo, você vai se aproximando, vai conquistando ela, e aos poucos ela vai se identificando com você e começando a conversar no individual, mas permanecendo ainda aqueles momentos de silêncio. (Professora 1).

Primeiro reconhecer as necessidades delas e depois ir me aproximando, momentos distintos, com abordagens variadas. Mas aquela que eu percebo que dá mais certo é pela afetividade, você conquista a criança, daí ela vai se soltando, começa a falar com você baixinho, quando ninguém está olhando e pela interação, nos jogos, nas conversas informais (Professora 2).

Percebe-se dessa forma, que o professor precisa construir um ambiente de sala de aula em que a criança se sinta segura. Pois, nos momentos em que a criança se sente segura, a fala aparece, podendo ocorrer à comunicação (PIRES et.al, 2017).

É preciso que o professor, nessa abertura para uma relação, desenvolva no aluno um sentimento de sentir-se acolhido, como se estivesse em casa. Pois em casa, o mutista seletivo se sente seguro e assim precisamos fazer com que se sinta na escola. “Acho que em casa é normal porque muda o cenário. Em casa ela se sente à vontade, acolhida” (Professora 1).

Outro ponto que merece atenção especial do professor é o fato de que as crianças que apresentam mutismo seletivo têm tendência a adotar perfil de dependência e aguardam ordens específicas do professor para todas as ações e atividades, o que exige um acompanhamento próximo, sensível e interessado na criança, para compreender o que ela precisa através da comunicação não-verbal, dos gestos ou da interação sem uso da fala (PIRES et.al, 2017). Esse comportamento de dependência é sentido inclusive com relação às necessidades básicas da criança, como a necessidade de usar o banheiro, como relata uma entrevistada: “Se ela precisava fazer xixi, ela levava a mão até os genitais, me dando o indício de que precisava ir ao banheiro, para eu compreender, ou ela chorava (Professora 4).

Esse comportamento manifesto pelas crianças, exige que o professor se concentre mais nessas crianças observando-as constantemente a fim de realizar a leitura corporal e dessa forma compreender o que a criança comunica.

Por mais que ela não fale, ela acaba te transmitindo por um olhar, por um jeito de olhar para os lados, ela acaba se comunicando com você. Conversando, com o toque, olhando nos olhos. Mas muitas vezes, a oralidade não tinha, vinha, mas por olhares a gente se comunicava, se comunica (Professora 3).

No que se refere ao campo pedagógico, Peixoto e Campos (2013, p.5), sugerem algumas estratégias facilitadoras que podem ser utilizadas pelo professor em sala de aula, a fim de viabilizar e facilitar o relacionamento e a comunicação com o aluno mutista seletivo, que são:

a) Permitir que a criança se comunique não-verbalmente no início, para depois utilizar a comunicação oral; b) Não permitir que outros amigos respondam pelo aluno; c) Solicitar gradualmente a exposição oral da criança; d) Se possível colocar as mesas em forma de grupos; e) Reforçar positivamente interações sociais faladas ou não; f) O tipo de reforço precisa ser significativo para a criança (elogios escritos ou verbais); g) Reforçar qualquer tentativa de enfrentamento de situações interpessoais e ir ampliando progressivamente as exigências; h) Encorajá-las sempre que possível, fazer pequenas solicitações ou cumprimentos a pessoas estranhas (exemplo: pegar ou entregar material fora de sala); i) Os professores devem sempre que possível tentar iniciar conversas fora da presença de outros alunos, devem tentar também, não colocar a criança como sendo o centro das atenções, pois isso aumenta a ansiedade da criança; j) Não devem estabelecer comparações com outros companheiros; k) Não devem permitir que os demais colegas o insultem, intimidem ou riem dele(a); l) Devem estimular e envolver os colegas para que o ajudem e para que participem nas sessões de intervenção; m) O aluno não deve ter métodos de avaliação diferente da turma.

As estratégias relatadas pelas professoras, vão ao encontro do que os autores acima sugerem, sendo que como ponto de partida, têm elegido o estabelecimento de um meio de comunicação. Dessa forma, cada professor vai encontrando alternativas para interagir com o

aluno e trabalhar as questões de aprendizagem. Algumas professoras usam perguntas diretas para que a criança possa responder com a cabeça de forma afirmativa ou negativa para verificar os conhecimentos adquiridos. Isso pode ser identificado no depoimento de uma das professoras que relata: “Eu pergunto e ela me faz gestos com a cabeça. Ou por exemplo, quando quero saber se ela sabe as cores, eu pedia para ela apontar para os lápis. Daí eu sabia que ela reconhecia. Mas eu converso com ela e ela só me apontava”. (Professora 4).

O uso dos gestos pelas crianças com mutismo seletivo é bastante comum. Outra forma de comunicação alternativa usada por eles é o comportamento de cochichar no ouvido de alguém, movimentar ou sacudir a cabeça para afirmar ou negar, formas essas apontadas pelas quatro professoras, como alternativas recorrentes usadas pelas crianças no intuito de se comunicarem na escola. “Ela me dá a contrapartida com gestos, algumas poucas vezes, no caso de banheiro, que ela me diz ao pé do ouvido, xixi![...] sussurra no meu ouvido, colo” (Professora 2).

Para o professor, nem sempre é fácil compreender as necessidades da criança, mas facilita quando busca criar um espaço seguro e acolhedor, propondo ações de acomodação para ajudar a criança a diminuir a sensação de ansiedade. Para a escola é importante promover ações em que a criança se sinta confiante para adquirir conhecimento, compreensão e percepção dos seus sentimentos, e em consequência, ela estabelecerá estratégias para combater a ansiedade social e conseguir falar, superando o mutismo seletivo.

Uma forma que encontramos era dela me ligar. Ela me ligava e daí ela conversava, ficava um bom tempo conversando no telefone, mas na sala não. Então tudo que eu perguntava para ela no telefone, ela me respondia (Professora 4).

Tu não tinha como explicar aquilo, tu não conseguia imaginar que era aquela criança que estava ali no telefone que vivia contigo na escola todo dia e não falava nada, e ali no telefone te falava tudo, te contava de casa. Sinceramente não dava para entender. Passou o ano todo e eu fiquei sem ter uma resposta de como é que pode acontecer um fato assim. De ela não estar te vendo e falar com você e quando ela te enxergava não falava (Professora 3).

Pelas falas acima apresentadas, nota-se que os professores encontraram no contato telefônico uma alternativa para possibilitar a comunicação com os mutistas seletivos, buscando minimizar a ansiedade manifesta na escola por essas crianças.

A ansiedade social parece ser maior na interação com os adultos do que com pessoas da mesma idade. Assim, algumas crianças com mutismo seletivo, acabam tendo facilidade para verbalizar em grupos pequenos, com seus coleguinhas. “Com as crianças ela interagia, conversava, então às vezes sem ela perceber, eu ficava observando ela, admirando ela

conversando com os colegas, mas assim que ela percebia que eu estava observando, ela já parava de conversar” (Professora 3).

Outras crianças, no entanto, apresentam inclusive dificuldade na interação com seus pares, como pode ser visto na fala da professora 1: “Muito raro tu ver ela interagindo com um coleguinha mesmo no momento do brincar na sala. Era raro manter um diálogo com os coleguinhas”.

Percebe-se assim, uma grande variação na forma com que os mutistas seletivos se relacionam socialmente. Alguns gostam de interagir e brincar com outras crianças, mas, sem falar, outros falam com os colegas, mas, não com o professor, e tem ainda os que adotam um amigo porta voz que fala por ele. Indiferente do grau de interação social que possuem, todos precisam que a escola crie um ambiente seguro, para que possam se sentir com menos medo e mais confortáveis nesse espaço possibilitando o surgimento da comunicação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só porque eu não falo, não significa que eu não sou inteligente. Eu tenho inteligência acima da média. Só porque eu não falo, não significa que eu não estou te ouvindo. Só porque eu não falo, não significa que eu não tenho sentimentos. Só porque eu não falo, não significa que eu estou escolhendo ser assim. Eu sofro, sofro de mutismo seletivo. A forma de ansiedade social que faz com que sinta dificuldade em falar quando não me sinto confortável (Autor desconhecido).

O ambiente escolar propicia um encontro de várias pessoas, cada uma com suas singularidades. Se formos citar o pensamento do filósofo Espinosa, podemos dizer que na escola, há os bons encontros, que aumentam a potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem a potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. No entanto, indiferentemente da educação promover encontros alegres ou encontros tristes, ela promove sempre encontros.

Nesse sentido, para o professor lidar em sala de aula com as crianças, precisa considerar que nenhuma delas é igual à outra, que cada uma tem suas particularidades e seu jeito de ser e se comportar, como no caso da criança com mutismo seletivo, que não se permite falar com o professor.

O trabalho da escola deve ser de propiciar encontros felizes, aceitando o outro da forma que se apresenta, sem tentar moldá-lo ao seu jeito de conceber a realidade. No caso do



mutismo seletivo, o mais importante, para o papel do professor, é criar um ambiente seguro e acolhedor, em que o nível de ansiedade seja baixo a ponto da criança se encorajar a comunicar-se com os colegas e os professores.

Pois, conforme discutido no decorrer do texto, as crianças com mutismo seletivo não escolhem ser silenciosas, ou estão sendo teimosas quando não falam. Elas, na verdade, se sentem tão ansiosas, que como forma de preservar a si mesmas e combater a ansiedade, acabam não conseguindo falar em determinadas situações sociais.

Assim, é preciso que a escola consiga criar um espaço em que os alunos se sintam parte do grupo, que consigam construir um sentimento de pertencimento, onde consigam conviver, considerando seus desejos, expectativas, necessidades. Esse espaço de tornar-se parte da escola, da escola ser de fato inclusiva, é uma proposta de tornar a escola acessível, garantindo a participação de todas as pessoas. Pois o mutista seletivo não falará se sentir-se pressionado, muito pelo contrário, ele precisa se sentir parte do grupo, sentir-se em casa no ambiente escolar, para então conseguir comunicar-se. É preciso que o professor acolha sem segmentar e, para isso, deve usar das mais diversas estratégias, levando em consideração o objetivo da diminuição da ansiedade, a intensificação da comunicação não verbal e verbal e, aos poucos, o aumento da interação social.

Orienta-se que a ênfase principal do professor seja dada à compreensão da criança e da sua ansiedade, estabelecendo laços de confiança e respeito a fim de conseguir acessá-la, sem visar à aniquilação da diferença, mas sim, aceitando-a como um legítimo ser humano com todas as suas características e jeitos de ser.

Conclui-se, enfim, que, enquanto escola, ainda se tem muito a avançar no trabalho com as diferenças e no estudo das manifestações psicopatológicas da infância e adolescência, como é o caso do transtorno do mutismo seletivo, com vistas a compreender melhor os sintomas e adequar o método de trabalho da escola, visando o melhor desenvolvimento da criança e o relacionamento do professor com os diversos *outros* que se apresentam em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

APA-American Psychiatric Association. **DSM-V, Diagnostic and statistical manual of mental disorders, fifth edition.** Arlington: American Psychiatric Association. 2013.

APA. American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**. Porto Alegre: Artmed. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BERGER, Peter e BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de Sousa (Org.). **Sociologia e sociedade: leituras de à sociologia**. 30.ed. Rio de Janeiro: livros técnicos e científicos, 2012.p.169-181.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**. Educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva (2006). Dicionário Técnico de Psicologia. Ed. 14<sup>a</sup>. Editora Cultrix, São Paulo: 2006.

CAMINHA, Marina Gusmão; CAMINHA, Renato. **Intervenção e Treinamento de pais na clínica Infantil**. Porto Alegre: Sinopsys, 2011.

CAMPOS, Lia Keuchguerian Silveira; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya . Brincar como meio de comunicação na psicoterapia de crianças com mutismo seletivo. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 15-33, dez. 2014. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/14993>>. Acesso em 06 de junho de 2018.

DIAS, Estefani de Andrade. **Gritos do silêncio: uma história de superação e cura do mutismo seletivo**. São Paulo: Letras e Versos, 2018.

DSM V. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5/** (American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.) revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli . (et al.) 5. Ed. Porto Alegre; Artmed, 2014.

DUMAS, Jean E. **Psicopatologia na Infância e na Adolescência**. Tradução: Fátima Murad. 3. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2011.

DURKHEIM , Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo, Melhoramentos.1978.

DURKHEIM, Émile. **Educación y Pedagogia**. Buenos Aires: Editorial Losada. 1998.

HENKIN, Yael; BAR-HAIM, Yair. An auditory-neuroscience perspective on the development of selective mutism. **Developmental Cognitive Neuroscience**. v.12, p. 86–93, April 2015. Disponível em:<<https://doi.org/10.1016/j.dcn.2015.01.002>>, acesso em 09 de ago de 2018.

HERMANN, Nadja. Educação e diversidade. **Roteiro**, Joaçaba, Edição Especial, p. 13-24. 2014.

\_\_\_\_\_. A questão do outro e o diálogo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19 n. 57 abr.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n57/v19n57a11.pdf>>. Acesso em 22 de ago. 2018.

LHULLIER, Raquel Barboza; SERRA, Rodrigo Giacobbo. Transtornos de Ansiedade. In: TISSER, Luciana. **Transtornos psicopatológicos na infância e na adolescência**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2018, p. 127-168.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi [et al.] 12. Ed.- Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEIXOTO, Ana Claudia Azevedo.; CAMPOS, Luciana de Almeida. Habilidades sociais e educação: O desafio do mutismo seletivo em sala de aula. **Edu.Tec - Revista científica digital da FAETEC**, v. 2, n. 1, Rio de Janeiro, 2013.

PERDNIK, Ruth. **The Selective Mutism Treatment Guide: Manuals for Parents Teachers and Therapists**. Second Edition: Still Waters Run Deep. Jerusalem: Oaklands, 2016.

PIRES, Thereza Sophia Jácome et al . Reflexões da mediação escolar para uma criança com mutismo seletivo. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 34, n. 104, p. 180-188, 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862017000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 09 ago. 2018.

RIBEIRO, Célia Margarida da Silva. **O Mutismo Seletivo e a Ludoterapia/ Atividade Lúdica– na perspectiva de profissionais ligados à educação**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade de Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor.) Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, p.99, 2012.

SARTRE, J.-P. **O Ser e o Nada**. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

TISSER, Luciana (org). **Transtornos Psicopatológicos na Infância e na Adolescência**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2018.